



# Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v21i2>

ISSN 2177-2940  
(Online)

ISSN 1415-9945  
(Impresso)

## O século da revolução: uma história do mundo desde 1914

<http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v21i2.39532>

Felipe Alexandre Silva de Souza

Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília), [felipedesouza1988@gmail.com](mailto:felipedesouza1988@gmail.com)

---

Resenha recebida em 22/03/2017. Aprovado em 30/05/2017

---

FONTANA, Josep. **El siglo de la revolución: una historia del mundo desde 1914**. Barcelona: Crítica, 2017.



*El siglo de la revolución: una historia del mundo desde 1914*, publicado em Barcelona, em fevereiro de 2017, logo de início chama atenção por dois motivos. Primeiramente, por trazer um recorte temporal e geograficamente ambicioso, na contramão das abordagens mais restritas que há algumas décadas vêm se tornando tendência na produção das ciências humanas. Ao decorrer de mais de 600 páginas, somos apresentados a uma proposta de narrativa histórica que abrange cinco continentes, tendo como ponto de partida a Primeira Guerra Mundial e se encerrando na vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais dos EUA, no final de 2016.

O livro também chama atenção por seu autor. Josep Fontana, professor emérito da Universidad Pompeu Fabra em Barcelona, é um historiador controverso. Mais conhecido no Brasil pelo seu trabalho na área de teoria da história, Fontana vem se destacando há mais de quatro décadas por uma abordagem marxista distinta da vulgata economicista que imperou na segunda metade do século XX. Em suas obras, a pesquisa rigorosa, destacando as contradições entre as classes sociais, sempre esteve atrelada a

um inequívoco compromisso político em favor dos grupos dominados e explorados — postura inspirada em grande parte pelos autores que mais o influenciaram: Jaume Vicens Vives, Pierre Vilar e E. P. Thompson.

Dada a trajetória do autor, o contato inicial com o livro pode causar certo estranhamento, por seguir, à primeira vista, um roteiro muito semelhante ao que se encontra na maioria dos manuais de história geral, narrando os principais fatos da história política do século XX, com breves incursões por questões culturais. Tendo a maioria de seu aporte em fontes secundárias, o trabalho também não traz novidades factuais (e não é essa sua intenção), ainda que narre eventos pouco conhecidos pelo público<sup>1</sup>. O diferencial, porém, está no problema central do livro: por que, a partir dos anos 1970, as classes dominantes dos “países desenvolvidos” iniciaram uma grande ofensiva contra os partidos e organizações progressistas e contra as classes trabalhadoras no geral?

Toda a narrativa é um esforço de responder essa questão, e a tese defendida por Fontana está implícita no título do livro. Para o autor, a Revolução Russa de 1917, a União Soviética e os movimentos de esquerda ao redor do mundo — com seus ideais de liberdade, igualdade e democracia pensados de modo a ultrapassar a mera formalidade e apontava para a autodeterminação concreta — foram forças que por mais de meio século influenciaram decisivamente as principais condutas políticas dos grupos dirigentes. Embora não houvesse qualquer intenção, por parte de Stalin e de seus sucessores, de expandir as fronteiras da URSS para além das demarcações de 1945, o medo da ameaça soviética era praticamente onipresente nas classes dirigentes dos EUA e da Europa Ocidental. As classes trabalhadoras organizadas nesses países, principalmente em sindicatos e

partidos de esquerda, eram, por outro lado, fortes o bastante para conquistar diversas concessões na forma principalmente de serviços de bem estar social e de direitos trabalhistas.

Com uma avaliação geral de que era necessário ceder os anéis para não perder os dedos, as classes dominantes se mantinham em relativo recuo — embora suas taxas de lucro estivessem sempre asseguradas —, procurando evitar a radicalização de movimentos que poderiam de fato vir a ameaçar as relações de propriedade privada. A partir do início dos anos 1970, com o declínio da URSS e a perda de fôlego das esquerdas principalmente na Europa Ocidental, as forças políticas à direita encontraram maior espaço de manobra para iniciar a destruição de tudo que seus oponentes de classe conquistaram na chamada época dourada do capitalismo — um exemplo contundente foi a greve dos mineiros britânicos em 1984, terminada sem concessões após dura repressão por parte do governo Thatcher.

Essas conquistas ocorreram apenas em um número reduzido de países, e os sindicatos, partidos e movimentos sociais deram conta de retardar as perdas por tempo considerável. Muito diferente foi a situação nas regiões fora da Europa Ocidental e da América do Norte, e não é à toa que Fontana dedica grande parte de sua narrativa às sucessivas presidências estadunidenses e sua política exterior. É fato conhecido que o final da Segunda Guerra Mundial assinalou a consolidação dos EUA como superpotência dominante no bloco capitalista, e sua política externa foi desenvolvida fundamentalmente no sentido de manter e aprofundar essa posição, sendo irrelevante, nesse ponto, a alternância entre administrações Democratas ou Republicanas. Fontana expõe diversos episódios em que os povos do chamado mundo em desenvolvimento foram bloqueados

<sup>1</sup> Tais como o massacre de turcos por milícias gregas e armênias apoiadas pelo governo britânico no desfecho da Primeira Guerra; os prisioneiros chineses utilizados como cobaias por médicos militares japoneses na Manchúria na década de 1930; as 790.000 bombas despejadas pela aviação estadunidense no Laos e no Camboja entre 1969 e 1973; entre outros episódios que formam um painel dos horrores do último século.

em sua tentativa de construir uma trajetória minimamente autônoma em relação aos centros de comando do capitalismo mundial — seja no Congo Belga do início da década de 1960, onde a CIA empreendeu atos de sabotagem contra o movimento de independência liderado por Patrice Lumumba, porque os EUA não podiam perder o controle das minas de urânio da província de Katanga (de onde foram extraídos os minerais para a fabricação da bomba de Hiroshima); na América Central dos anos 1980, onde os esquadrões da morte treinados na Escola das Américas aterrorizavam vilarejos em Honduras, El Salvador e na Guatemala; ou na Líbia, alvo de uma série de bombardeios em 1986, em uma tentativa de remover o governo de Muamar Gaddafi.

Evidentemente, o livro apresenta os problemas inevitáveis de um trabalho que lida com um recorte demasiado amplo, dentre os quais o primeiro que se nota é a forma de exposição das fontes. Por trabalhar com um acervo de referência muito grande, Fontana prefere citá-las todas ao final do livro para não atrapalhar o ritmo de leitura, mas raramente remete a elas no corpo do texto. Em vários trechos, o texto apresenta frases entre aspas sem que sejam assinalados seus autores ou os textos originais de onde elas foram extraídas, o que dificulta muito o trabalho do leitor que procurar fazer uma conferência mais rigorosa do material. Quanto ao conteúdo, especialistas das mais diversas áreas certamente encontrarão erros factuais ou inferências desprovidas de substância satisfatória. Por exemplo, ao abordar a participação do Império Otomano na Primeira Guerra Mundial, Fontana é demasiadamente taxativo ao afirmar que o massacre de armênios em 1915 foi uma política deliberada de genocídio por parte do governo dos Jovens Turcos. Trata-se de um assunto ainda muito debatido por pesquisadores e politicamente delicado — trata-se de um tabu na Turquia atual — e exige uma maior problematização e apresentação documental do que o oferecido no livro.

Em outras ocasiões, todavia, o autor demonstra grande habilidade em desconstruir algumas concepções errôneas. Entre outros episódios, é digna de nota a abordagem da invasão soviética no Afeganistão (1979-1988). A versão comumente difundida é que os governos Carter e Reagan passaram a financiar os guerrilheiros *mujahedin* (que dariam origem à Al Qaeda no final dos anos 1980) como uma forma de resistência à agressão moscovita. Fontana nos mostra que os estadunidenses, com o auxílio do serviço secreto paquistanês (ISI) e de empresários sauditas, começaram a formar os *mujahedin* antes disso, para que estes desestabilizassem o governo pró-soviético chefiado por Muhammad Taraki, criando uma situação em que a já combalida URSS seria incitada a intervir e certamente se desgastaria.

Também vale a pena destacar a problematização do mito neoliberal segundo o qual os Tigres Asiáticos (Coreia do Sul, Taiwan, Hong Kong e Cingapura) prosperaram economicamente por intermédio do livre mercado e de governos democráticos. Segundo Fontana, esse crescimento econômico se deu justamente sob a égide de governos autoritários que interviam fortemente na economia, e com auxílio financeiro e militar dos EUA, que buscavam promover esses países a baluartes contra a expansão do comunismo no extremo asiático. O caso mais claro é o da Coreia do Sul, onde o general Park Chung-hee estabeleceu um regime ditatorial em 1961, e colaborou na guerra do Vietnã. Em troca, empresas coreanas foram beneficiadas com numerosos contratos militares firmados com os EUA. Contra as orientações do Banco Mundial, o governo de Park investiu na construção de um grande parque siderúrgico que viria a se tornar a base da indústria sul coreana, e foi bem sucedido em promover o desenvolvimento de seu país, à custa de dura política repressiva para manter a ordem social.

Para além de acertos e deslizes em questões específicas, o grande arco apresentado pelo livro é passível de críticas, mesmo dentro da

tradição marxista. Como nem sempre acontece em abordagens de longa duração, Fontana consegue se precaver de transformar a história em um mero movimento de estruturas abstratas das quais os indivíduos seriam apenas vetores. Sua narrativa se move pelos conflitos concretos entre grupos de seres humanos, e o autor dá conta, ainda que de forma pontual, de mostrar como projetos e visões de mundo pessoais de certos personagens tiveram influência significativa nos processos sociais<sup>2</sup>. Todavia, a escolha por privilegiar as dimensões imediatamente políticas do processo, com referências apenas pontuais a questões econômicas, acaba por enfraquecer a capacidade explicativa do livro. Fontana mostra convincentemente como o período entre 1945 e 1975 constituiu uma exceção na história do capitalismo — um tempo em que as classes trabalhadoras dos EUA e da Europa Ocidental conquistaram níveis de igualdade e liberdade jamais vistos até então —, e como o exemplo da URSS e a atuação dos partidos e sindicatos foram fundamentais para o estabelecimento da correlação de forças que possibilitou essa situação. Sua exposição seria mais consistente, porém, se fosse dispensado um espaço maior para mostrar como a reversão desse quadro também está relacionada à superprodução e à queda das taxas de lucro nos pólos mais avançados do capitalismo — algo que estimulou, junto ao esgotamento do mundo socialista, um maior ímpeto das classes dirigentes em erodir as conquistas trabalhistas.

A despeito desses e de outros problemas, *El siglo de la revolución* é um trabalho oportuno e valoroso, especialmente por ser destinado não apenas aos círculos acadêmicos, mas também ao público geral. Fontana pensou seu livro como uma ferramenta para a compreensão do tempo

presente com vistas a transformá-lo. Diante do funesto quadro social que vem se delineando — a crescente xenofobia como resposta às ondas de refugiados de zonas de conflito, o declínio das condições de vida das classes populares, a quase total falta de alternativas eleitorais viáveis —, a perspectiva da obra faz um contraponto essencial à narrativa dos donos do capital, ao mostrar que o mundo não está necessariamente condenado a ser assim. Não à toa, Fontana abre e encerra o livro com um verso do poeta francês Paul Éluard: “Os homens têm o poder de ser livres, de superar o destino que lhes foi imposto”.

---

<sup>2</sup> Essa abordagem, ainda que positiva, acaba por acarretar em deslizes de outra ordem. Eventualmente, ao se aprofundar nas minúcias das disputas políticas na Casa Branca, por exemplo, Fontana faz julgamentos morais desnecessários, como quando caracteriza Jimmy Carter como “[...] um homem incompetente [...], simplório e provinciano” (FONTANA, 2017, p.423), ou quando diz que Nixon tinha um bom relacionamento com Henry Kissinger, seu secretário de Estado, porque ambos eram semelhantes “[...] no território da baixa moral” (FONTANA, 2017, p.390).